

Miguel de Almeida

Ele tem nome de jogador de futebol e o carisma de um boa praça. Atrás de tais adjetivos, esconde-se Hermelindo Fiaminghi e sua exposição *Corluz* na Montesanti Galeria, em São Paulo. Há dois anos, desde sua última mostra, estava metido no ateliê. Saía apenas para rodar a cidade, os restaurantes, falar muito, bebericar – o resultado do périplo artístico merece agora estar sob as luzes da ribalta chapliniana. Aos 68 anos, um dos pilares do concretismo, brande seus pinceis e inscreve de vez sua estratégia na história da arte brasileira.

Não é pouca coisa. Ombro a ombro, Waldemar Cordeiro e Sacilotto (também expando em São Paulo, na Galeria Millan). O poeta Décio Pignatari distinguiu as duas mostras em um arrazoado concretista. Sacilotto estaria com formas e Fiaminghi mergulhado na cor. Parece simples, mas não é. O movimento paulista dos anos 50 ressurgiu através das artes plásticas detonando novos tiros e idéias. E com uma maior flexibilidade, mais arejado. Aqueles que jogaram pedras e perdigotos nessa turma plástica agora engolem a seco a contemporaneidade de suas propostas.

Hermelindo Fiaminghi resolveu explodir as cores, as formas e seus conceitos. As telas estão povoadas de tons ousados, quase aprisionados pela sensação concretista. Em seu atual trabalho, há a briga surda entre forma e cor, rigor e anarquismo, razão e emoção. O duelo ocorre em surdina, ao pé-do-ouvido, talvez porque o artista conviva com tais dualidades – que terminam demonstrando uma curiosa inquietude. Da miscelânea, uma proposta de revisão da própria pintura: o conceitual desapareceu, surgiu o gestual, e muita gente não está sentindo-se muito bem. A pintura sem idéias ganhou nacos enormes do mercado e do público desinformado. Fiaminghi, brandindo seus pinceis, sugere o questionamento do estado de coisas.

Os quadros discutem a convivência entre o rigor da forma e a liberação das cores/luzes. Terminam – pelo resultado – elogiando o acasalamento. É uma antiga discussão – agora com a proposta de outro caminho. Fiaminghi destrói os dois conceitos e inaugura sua própria anarquia. Os quadrados tentam aprisionar os vãos coloridos: não conseguem. O geométrico é obrigado a duelar violentamente com a liberdade sugerida pela cor, assoprada pela inquietude. Porém, os tons anunciam suas novas fronteiras, posam sobre uma outra postura cartográfica. Não há como a forma resistir ao assédio enviado pela cor.

O trabalho chega a ser embebido pelas cores. A forma torna-se então um suporte, quase referência. Vira um cenário moderno, de colorido vibrante, recheado de referências à própria história da pintura – até o concretismo é rediscutido. Acontece que as citações terminam – também – molhadas pelos outros artistas que se enfiaram nessa conversa. Fiaminghi está ao mesmo tempo propondo seu novo enfoque e mencionando os parceiros ancestrais do cenáculo – Max Bill, para um único exemplo.

O gestual mergulhou a pintura em um beco atulhado de tipos que pouco entendem da convivência entre as cores, suas famílias. Basta um olhar pela Geração 80, semelhante a um Opala 68, e a coisa fica mais clarinha. A mistura constante de tons que já foram

postos lado a lado, sem qualquer insatisfação, agora recebe o troco da vitalidade de Hermelindo Fiaminghi. Aquela desinformação toda, acabrunhada e repetitiva, também leva o seu com os novos trabalhos do artista paulistano. Entre vivos e mortos, o humor desse homem que poderia ser um zagueiro central – mas que continua solidamente no ataque.

Publicado em *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 maio 1988.

instituto de arte contemporânea